

Melissa Hill

TUDO SOBRE TI

Tradução
Inês Castro

*Quinta Essência**

1

Vários meses antes

Nina Hughes nunca gostara de Lakeview e, desta vez, tinha a certeza de que ainda gostaria menos. Desejava tanto que a mãe tivesse escolhido outra altura para ir viajar pelo mundo com o padrasto, em especial no momento em que precisava mesmo de um ombro para chorar e, mais importante, um lugar para ficar. Depois de tudo o que acontecera com Steve, não podia continuar em Galway e correr o risco de esbarrar com ele; no final de contas, era uma cidade pequena. Precisava de se ir embora, para algum sítio onde conseguisse clarear as ideias. Mesmo assim, não podia acreditar que tivesse sido forçada a pedir ao pai se era possível morar na casa dele.

Infelizmente não lhe restara outra opção. Numa ocasião normal, teria regressado a Dublin e ido para casa da mãe até reorganizar a sua vida, mas a mãe e Tony andavam a viajar e tinham alugado a casa durante os seis meses que estariam fora. Por isso, decidira pedir a Patrick se podia ficar com ele em Lakeview. Seria apenas por pouco tempo, até arrumar a cabeça e saber o que fazer a seguir.

Sentindo-se uma adolescente tola e de forma alguma a mulher de trinta anos, madura e segura de si, que na realidade

era, Nina telefonara alguns dias antes a perguntar se Patrick lhe podia oferecer alojamento.

– Está bem, Nina – concordara o pai, no seu habitual jeito calmo e desinteressado.

E Nina achara que ele não tinha mudado muito nos oito anos ou algo parecido desde que o vira pela última vez. Quando Nina era mais nova, a mãe costumava obrigá-la a visitá-lo, embora, para ser muito honesta, sentisse que Patrick não se ralaria muito se não visse a sua filha única.

Os pais haviam-se separado quando ela era pequena, e Nina não conseguia entender como é que se tinham juntado, para começar, pois o pai, sossegado e austero, era o total oposto da mãe, bem-disposta e esfuziante. Acontecera se calhar porque cresceram os dois na mesma vila pequena, sendo Lakeview na verdade mais uma aldeia.

Apesar de Cathy, a mãe, nunca o ter admitido, Nina suspeitava que o seu nascimento não fora exatamente planeado e que o casamento dos pais fora menos do tipo romântico e mais do tipo forçado. Porém, isso não a incomodava: a mãe era muito feliz em Dublin com Tony (que era mais um pai para Nina do que Patrick alguma vez fora) e, embora na sua infância tivesse tido que aguentar uns quantos fins de semana em Lakeview, mal chegara à adolescência desistira de o visitar com regularidade e apenas aparecia de vez em quando. Se isso aborrecia o pai, ele nunca o dera a entender e, para dizer a verdade, Nina não se preocupava muito. Não o conhecia, nunca o conhecera na realidade, e era por mero desespero que se via entretanto obrigada a ficar em casa dele.

Pensou se o pai ainda andaria obcecado a colecionar e consertar coisas e se faria reparações como modo de ganhar a vida. A recordação mais sólida das suas visitas na infância prendia-se com Patrick a dismantelar e a reparar aparelhos de televisão, rádios, qualquer coisa que fosse eletrónica, e a discorrer com ela a esse respeito. Conquanto na época pensasse que era inte-

ressante, agora considerava-o um pouco tolo. O tipo deveria ter trinta e muitos anos nessa altura e não percebia por que razão não saía e se divertia como a mãe e Tony. Outro motivo misterioso para magicar o que Cathy vira nele.

– Patrick é um homem bondoso e muito generoso – dizia-lhe repetidas vezes a mãe, determinada a nunca proferir qualquer palavra desagradável contra o pai, o que Nina suspeitava ter sobretudo que ver com o sentimento de culpa por o ter abandonado e levado a filha. – Mesmo depois de nos separarmos, nunca me deixou faltar nada que se relacionasse contigo.

Nina pensava que era muito honroso, dado saber que Patrick não sentia qualquer interesse por ela. Ela era apenas essa miúda chata que aparecia de vez em quando para criar confusão na sua casa imaculada e na sua vida muito organizada. E, caramba, como o pai era metódico. Na altura, costumava levantar-se às sete em ponto (mesmo aos fins de semana), ir ao quiosque comprar o jornal da manhã, que lia ao pequeno-almoço, composto por ovos estrelados e *bacon*, com torradas e uma chávena de chá (com dois quadrados de açúcar). Nina recordava-se de uma vez, numa tentativa infantil de lhe agradar, ter feito o pequeno-almoço e ter tostado de mais as torradas e ele se ter agastado. Não propriamente encolerizado, apenas um aborrecimento silencioso, controlado à justa, o que, para uma miúda de dez anos, era de algum modo ainda mais assustador.

Agora, com o autocarro a entrar nos arredores de Lakeview, ia a pensar se alguma coisa teria mudado. Bem, sem dúvida que havia muito mais casas, novas, mais aparatosas, do género que os tipos da cidade que se mudavam para o campo construíam quando tentavam provar aos amigos que viviam bem, quando na realidade a maioria estava se calhar desesperada para escapar de novo para Dublin. Quartos gigantescos, jardins enormes e *jacuzzis* exteriores nunca seriam suficientes para disfarçar a triste realidade da vida numa vila pequena, pelo menos não na opinião de Nina.

Não, Lakeview era uma paragem temporária, quase uma paragem de emergência, e, mal arrumasse as ideias, sairia dali o mais rápido possível.

Desceu na Main Street, na paragem de autocarro mais próxima do lago, à porta daquele café que ali existia há que séculos. Pensou se Ella, aquela mulher mais velha que colecionava animais abandonados, ainda seria a proprietária. O que teria aquele sítio para as pessoas colecionarem coisas? Embora estivesse a ser injusta: Ella fora sempre muito simpática para Nina, percebendo que ela estava ali em geral contra sua vontade. Ou talvez se condoesse apenas com o facto de o pai de Nina nunca ter muito tempo para ela.

Colocando a mochila aos ombros, Nina caminhou pela orla do lago e dirigiu-se para a velha ponte de pedra que conduzia à casa do pai.

Dissera-lhe ao telefone que chegaria por volta das seis.

– Isso é à hora do jantar. Queres que conte contigo?

Nina hesitara.

– O que vais comer?

– *Bacon* com couves – respondera, e ela não conseguiu deixar de abanar a cabeça de espanto.

Como é que podia ter esquecido? Costeletas de porco às segundas, bife às terças e *bacon* com couves às quartas... Patrick Hughes cozinhara estes mesmos pratos sem falhar, nos mesmos dias, há todo aquele tempo atrás e, anos depois, continuava a fazer o mesmo.

Mais uma vez, Nina pensou em que raio se teria metido.

– Olá, Nina – disse Patrick, um pouco perturbado, quando ela chegou à casa já depois das seis. Afastou-se para trás para ela entrar.

– Olá, pai. Como estás?

Não tentou beijá-lo nem abraçá-lo, a relação deles não era do tipo de grandes abraços, mas sentiu-se ligeiramente ofendida

com a indiferença quase descuidada do pai ao receber a filha. Não houve um grande acolhimento, nenhum sentimento de entusiasmo ou interesse.

Está bem, talvez a opção de não o visitar há tanto tempo tivesse sido dela, mas aborrecia-a pensar que o pai nunca tentara de moto próprio, nem uma vez, passar algum tempo com ela. Também esperara que ele reparasse no seu aspeto, muito melhor desde a última vez que a vira: perdera mais de seis quilos e o anterior cabelo escuro curto chegava-lhe agora bem abaixo dos ombros. Se Patrick reparou nalguma mudança, não o mencionou.

– Estou bem, obrigado. Fiz-te jantar, mas é capaz de estar já um bocado frio.

Nina identificou de imediato a causa da agitação do pai. Dissera a Patrick que chegaria por volta das seis e eram seis e um quarto. Estava atrasada.

– O autocarro largou-me no centro. Julguei que ia chegar mais cedo...

Depois as palavras esmoreceram quando pensou por que razão sentiria necessidade de se explicar. Não era como se ainda tivesse dez anos. Além disso, estava quinze *minutos* atrasada, por isso qual era o problema?

– Espero que tenhas jantado, não havia necessidade de esperar por mim. Se estiver frio, posso sempre metê-lo no micro-ondas.

Sabia que não se punha a questão do pai esperar que ela chegasse para tomar a sua refeição da noite. Como de costume, comeria sem falta à frente do noticiário das seis e uma visita da filha que não via há anos dificilmente alteraria essa rotina.

– Estava só a ver o noticiário – retorquiu, confirmando as suas suspeitas, e Nina, lá por dentro, revirou os olhos.

Seguiu-o até à sala, que não mudara nem um bocadinho desde a última vez que ali estivera, e largou o saco no sofá. Quase de imediato, Patrick lançou à mochila um olhar agitado.

– Preparei o teu antigo quarto – declarou, o que, para Nina, sugeria que a devia levar lá para cima em vez de desarrumar a bonita e limpa sala de estar.

– Obrigada. Desfaço a mala logo que jante se não te importares, estou um bocado cansada da viagem de autocarro.

Nina detestou outra vez sentir-se tão embaraçada e tão pouco à vontade com o pai.

– Está bem – replicou ele, num tom evasivo, como se ela tivesse acabado de lhe dizer que não queria açúcar no chá.

Não se ofereceu para a ajudar com as coisas nem lhe fez perguntas sobre a viagem, apenas a reação desinteressada típica de Patrick, antes de se sentar na sua poltrona para ver a televisão.

Entrando na cozinha (que também não mudara), Nina recordou-se então porque deixara de visitar o pai. A sua constante falta de interesse e indiferença quase descarada em relação a ela eram frustrantes e, na verdade, bastante ofensivas. Estava numa enrascada, o coração despedaçara-se num milhão de pedacinhos e, como sempre, o pai não queria simplesmente saber.

Será que não podia ao menos *fingir* sentir curiosidade pelo facto de ela lhe ter aparecido à porta passado todo aquele tempo? Ou estaria tão pouco interessado nela, que tanto lhe fazia? Era mesmo o oposto completo da mãe afetuosa e de bom coração, que Nina sabia estar cheia de remorsos por se encontrar tão longe numa altura tão difícil. *Okay*, não esperara que Patrick a acolhesse de braços abertos e com uma caixa de lenços de papel, mas com certeza que não seria pedir muito uma pergunta simples sobre o seu bem-estar?

Nina colocou o prato de comida que ele preparara para ela no micro-ondas e, enquanto esperava que aquecesse, olhou em volta e maravilhou-se com o carácter miudinho do pai. Apesar de ter preparado o jantar, a cozinha encontrava-se num estado meticuloso e não havia sinais de preparação de comida em lado nenhum. As panelas, frigideiras e restantes utensílios de cozinha

já tinham sido passados por água, estavam empilhados em perfeita ordem, prontos para serem lavados, e não havia uma gota de líquido nem vestígios de restos em nenhuma superfície.

Relembrou a forma como o pai arrumava e limpava tudo à medida que ia utilizando as coisas, em vez de deixar montes de embalagens de comida e cascas de legumes em cima de todas as superfícies como a mãe fazia. À hora do jantar, a cozinha da mãe parecia ter sido atingida por uma bomba, o completo oposto do espaço calmo e imaculado a que Patrick presidia.

O micro-ondas silvou, Nina pegou no prato com relutância e levou-o para a sala, juntando-se ao pai à frente da televisão.

– Isto está ótimo – observou, comendo o prato fastidioso e antiquado de que ele gostava tanto, apesar de o *bacon* estar muito bom.

O pai acenou apenas, alheado, em resposta. *Okay*, então estava a ver as notícias e se calhar não queria envolver-se em conversas fúteis até acabarem, mas os problemas deprimentes do mundo não poderiam esperar uma noite?

– Mudaste os módulos da cozinha desde que aqui estive a última vez? – voltou Nina a tentar, mais por cortesia do que qualquer outra coisa, pois sabia que Patrick não alterava nada na casa há anos.

– Não tenho a certeza – retrucou ele, meditando a sério na questão. – Quando estiveste aqui pela última vez?

– Há oito anos – respondeu Nina, sublinhando, intencionalmente, que, visto não aparecer há tanto tempo, o mínimo que ele poderia ter feito seria puxar do tapete vermelho de boas-vindas.

Patrick pareceu não dar por nada.

– Não – respondeu, com segurança –, não mudaram desde essa data.

E depois pegou no controlo remoto e aumentou com pouca delicadeza o volume do som. Ponto final na conversa. Certo. Lá se iam as suas manobras de abertura, pensou Nina.

Mesmo assim, estava decidida a esforçar-se, apesar de ele não o fazer.

– O jardim está com um belo aspeto nesta altura do ano com todas as rosas em plena floração, não está?

– Sim, está.

– Reparei, no caminho, que há muitas casas novas. Suponho que a vila esteja agora cheia de recém-chegados – acrescentou a brincar, mas foi óbvio que o pai não entendeu a piada ou não estava interessado, pois assentiu outra vez com a cabeça, impassível, e continuou a ver televisão.

Desanimada e já sem fome, Nina empurrou o resto da comida para as bordas do prato.

– Hum... pai, obrigada pelo jantar, mas estou a sentir-me um pouco cansada. Creio que vou subir.

Patrick não desviou os olhos da televisão.

– Está bem, Nina.

A filha pegou na mochila e avançou com passos pesados para a escada direita ao seu antigo quarto, a pensar já se não teria cometido outro grande erro.